

A CULTURA E SUAS REVERBERAÇÕES NO ESPAÇO-TEMPO DA EPISTEME GEOGRÁFICA

Erick Vinicius Pereira Lopes ¹
Sérgio Lana Morais ²
Alexandre Magno Alves Diniz ³
Rodrigo Corrêa Teixeira ⁴

RESUMO

A Geografia, em suas epistemologias/paradigmas, desdobra-se em diversas possibilidades, à qual uma que se destaca é a cultura. Por sua tamanha importância, este trabalho debruça-se sobre a análise da dinamicidade e complexidade da presença da cultura (o próprio termo, correlatos ou seus indícios) ao longo da história geográfica. É digno de nota, frisar que o trabalho busca as abordagens culturais na Geografia, ou, ainda, os enfoques geográficos sobre a cultura. A justificativa parte da necessidade de se entender como alguns temas estão fortemente correlacionados com a história e com o estabelecimento da ciência geográfica e os contextos. A metodologia buscou evidenciar a perspectiva cultural dentro da própria Geografia, com seu caráter diagnóstico e analítico, e classe descritiva e explicativa, assentando-se no método dedutivo e de um amplo e complexo levantamento e revisão documental e teórico-conceitual, com as suas análises e correlações. De tal maneira, levanta-se que a humanidade e todas as suas características possuem articulações entre a cultura e aspectos espaços-temporais/geográficos. Deve-se considerar sobre a utilização dos aspectos culturais e das ações da utilização, a fim de não perpetuar injustiças e preconceitos epistêmicos e nem ações errôneas, tornando-se essencial na busca e na luta da justiça ambiental, social, espacial, cultural e acadêmica.

Palavras-chave: Cultura, Espacialidades, Temporalidades, Epistemologia, Abordagens.

ABSTRACT

Geography, in its epistemologies/paradigms, unfolds into several possibilities, one of which stands out is culture. Due to its importance, this work focuses on analyzing the dynamics and complexity of the presence of culture (the term itself, correlates or its signs) throughout geographic history. It is worth noting that the work seeks cultural approaches in Geography, or even geographic approaches to culture. The justification is based on the need to understand how some themes are strongly correlated with history and the establishment of geographic science and contexts. The methodology sought to highlight the cultural perspective within Geography itself, with its diagnostic and analytical character, and descriptive and explanatory class, based on the deductive method and a broad and complex survey and documentary and theoretical-conceptual review, with its analyzes and correlations. In this way, it appears that humanity and all its characteristics have connections between culture and spatio-temporal/geographic aspects. Consideration must be given to the use of cultural aspects and the actions

¹ Doutorando do Curso de Geografia do Programa de Pós-graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial (PPGG-TIE) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), erick.viniciuspl@gmail.com;

² Doutorando do Curso de Geografia do PPGG-TIE da PUC Minas, sergio.morais@ifnmg.edu.br;

³ Docente do PPGG-TIE da PUC Minas. Doutor pelo Curso de Geografia da Arizona State University (ASU), EUA, alexandremadiniz@gmail.com;

⁴ Docente do PPGG-TIE da PUC Minas. Doutor em Geografia – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), rodrigocorreateixeira@gmail.com;

of use in order not to perpetuate injustices and epistemic prejudices or erroneous actions, becoming essential in the search and fight for environmental, social, spatial, cultural and academic justice

Keywords: Culture, Spatialities, Temporalities, Epistemology, Approaches.

INTRODUÇÃO

A Geografia, em suas epistemologias/paradigmas (Tradicional, Teorética-Quantitativa, Radical e Humanista⁵), desdobra-se em diversas possibilidades que podem ser percorridas, com abordagens, temas e metodologias diferenciadas, às quais auxiliam e dão ênfase na formação do cerne da disciplina (CORRÊA, 2009). Durante esse percurso, a instabilidade entremeia-se: a forte característica é o caráter de versatilidade, concomitante com pontos de flexão ou inflexão, com momentos de unificação ou de separação epistemológica, encontrados na história do pensamento geográfico. Estes se dão a partir de acumulados e de fazeres espaço-históricos de contribuições numerosas e diversificadas.

Uma temática persistente, de significativa antiguidade e de grande importância, é a cultura. Suscitando o desenvolvimento de subdisciplinas (Geografia Cultural e Geografia Humanista Cultural, a título de exemplo), ela traz convergências, divergências, diálogos e atribuições em todas as epistemologias e ramos geográficos; com diferentes intensidades, de forma indireta ou diretamente. É interpretada, ignorada ou adaptada com diferentes intensidades. A Geografia, enquanto ciência de pretensões holísticas, que entrelaça as interfaces físico-ambientais com as dimensões sócio-político-econômicas, traz em seu bojo interessantes contribuições sobre a representação da cultura, tanto no aspecto material quanto na dimensão imaterial.

Porém, há de destacar-se a grande dificuldade de compreensão do termo, de aptidão polissêmica e que tem sido objeto de controvérsias e dissidências (WILLIAMS, 2008). Isso se dá, em uma parte, como resultado da sua inerente complexidade, e, em outra parte, em virtude do apelo multidisciplinar que ela suscita.

Grosso modo, a cultura pode ser definida como algo que dá condição à existência dos seres humanos, a partir de produtos, ações e processos contínuos, aos quais dão sentido e significado. É uma forma que as pessoas utilizam, sobretudo, para dar valores aos fenômenos

⁵ Comumente referenciada como “Geografia Humanista Cultural”, aqui denomina-se apenas como Geografia Humanista. Pois, embora tenham proximidades e há a presença do horizonte humanista e da abordagem cultural em ambas, elas possuem particularidades (SUESS, 2018).

(TURRA NETO, 2013). Os padrões culturais exercem papel significativo na constituição do ser humano, num constante dinamismo, favorecendo a sua sobrevivência e convivência com os demais.

Por sua tamanha importância, como destacado, este trabalho debruça-se sobre a análise da dinamicidade e complexidade da presença da cultura (o próprio termo, correlatos ou seus indícios) ao longo da história geográfica. É digno de nota, destacar que o trabalho busca as abordagens culturais na Geografia, ou, ainda, os enfoques geográficos sobre a cultura. A justificativa parte da necessidade de se entender como alguns temas estão fortemente correlacionados, inclusive de forma direta ou indiretamente, com a história e com o estabelecimento da ciência geográfica e os contextos.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos, a metodologia buscou evidenciar a perspectiva cultural dentro da própria Geografia, com seu caráter diagnóstico e analítico, e classe descritiva e explicativa, assentando-se no método dedutivo, que partindo de proposições gerais, volta o olhar do pesquisador para questões particularizadas (SUERTEGARAY, 2009).

Pelos procedimentos metodológicos, utiliza-se primeiramente de um amplo e complexo levantamento e revisão documental e teórico-conceitual, para dar uma contribuição acerca das categorias de análise, dos campos, dos conceitos e das teorias. Para este fim, lançam-se olhares a anais e resumos de eventos científicos, artigos, dissertações, livros, monografias, relatórios de pesquisas, teses e textos. Após todos esses levantamentos, têm-se, *a posteriori*, todas as suas análises e correlações acerca da presença da cultura na trajetória do pensamento geográfico, sucedidas das considerações finais.

REGRESSO AO FUTURO

A cultura é ontológica, inerente ao ser humano ou é uma formação social? O que a define? Qual(is) seu(s) espaço(s), território(s), lugar(es), paisagem(ns) e região(ões)? Epistemologias, paradigmas, metodologia, ideais são culturas? A cultura na Geografia somente é permeada pela Geografia Cultural e Geografia Humanista? Há uma ditadura epistemológica/paradigmática, à qual considere os outros caminhos como ineficazes e marginais, em que ela seja detentora dos trâmites necessários para que alguma linha seja considerada a dona incontestável da cultura?

Distanciados de respostas universais e concretas, e, também, de responder tais inquietações, a cultura pode ser definida como algo público, coletivo, que dá condições à existência dos seres humanos, com base em produtos, ações e processos contínuos, criados e recriados, dando sentidos e significados a estes. Além disso, a cultura desdobra-se em estrutura(s) de significados, e, em política de produção e circulação de significados (GEERTZ, 1989). É uma apropriação simbólica do mundo, à qual forma geografias e histórias próprias (COSGROVE, 2003).

Os símbolos e os signos formam relações de representantes, representados e representação (PEIRCE, 2005; LEFEBVRE, 2006), que, no entanto, não têm significados e interpretações únicos, mesmo que essas sejam suas intenções (CORRÊA, 2009). Estes são passíveis de uma gama imensa de interpretações, às quais as vivências e experiências são a lente que as pessoas usam para suas visões de mundo e, logo, para ler e acessar esse mundo exterior (FREIRE, 1968; HALL, 1997), ou seja, dá forma aos sentidos.

Há de se lembrar que a cultura não é apenas esse aglomerado maior, como a etnicidade, a nação, a religião e outras, há também as culturas dominantes, as alternativas, as periféricas, as margens, as excluídas, as emergentes, as subculturas, as contraculturas, subgrupos, tribos urbanas e outras (WILLIAMS, 2008). Turra Neto (2013, p. 42) afirma que: “a cultura não pode mais ser vista como um conjunto homogêneo de hábitos, costumes, utensílios e tradições de um povo, transmitida de geração em geração [...]”. Cultura é a maneira de viver total de uma parcela, uma parte da sociedade. “Neste sentido, cultura é uma palavra usada para classificar as pessoas e, às vezes, grupos sociais [...]” (DAMATTA, 1981, p. 1), podendo ser utilizado tanto de forma benéfica quanto de forma maléfica.

Um elemento-chave nas discussões sobre cultura, é tomando como base a ideia de que, essencialmente, o ser humano é um ser social. Além de ser uma perspectiva polêmica no transcurso dos séculos, o ser humano não é um dado, mas uma construção contínua desdobrando-se em inúmeros limites e possibilidades quanto às suas ações, características, hábitos, costumes e relações, entre outras coisas.

Cultura, além de ser uma expressão polissêmica, é uma categoria de análise extremamente fértil, mas também desafiadora, inclusive nas suas dimensões espaço-temporais. Abrem-se inúmeras possibilidades no tratamento da cultura pelos vieses da historicidade e da geograficidade. O sentido geográfico do ser-estar no mundo tem experimentado e proporcionado um repensar da natureza (e toda a questão das vivências e das mudanças ambientais globais) e reconfigurar as formas de relacionamento entre indivíduos, grupos sociais e Estados-Nação (HARVEY, 2020), priorizando aspectos culturais, que outrora foram

dispensados e quicá pensados. Assim, organiza-se o conhecimento epistemológico anticolonial, a partir das lutas da comunidade LGBTQIA+, dos ciganos, dos indígenas, das mulheres, dos negros, dos nordestinos, dos pobres e suas respectivas interseccionalidades. Essas nuances epistemológicas definem construções de visões de mundo e do conhecimento geográfico.

A grande questão que se coloca hoje para uma Geografia em diálogo com a cultura é a urgência de se descolonizar os seus conhecimentos, contrapondo-se à reprodução das colonialidades. Torna-se absolutamente necessário que os movimentos sociais dos grupos minoritários ocupem a arena pública e discutam democraticamente suas demandas. O caminho do reconhecimento, da visibilidade, da partilha das sensibilidades é incontornável (ou deveria ser). O movimento decolonial promove a recuperação, a emergência e a visibilização das experiências sócio-histórica das minorias, em busca da justiça acadêmica, cultural, espacial e socioambiental (FERREIRA; RATTS, 2018; MBEMBE, 2018).

Da pré-história à história

Historicamente, a cultura é tratada desde os primórdios dos seres humanos, que tinham por natureza deambular pelo espaço, sendo a localização espacial uma questão de sobrevivência. A atividade geográfica e todas as suas nuances são atreladas à história da própria humanidade (e seus desdobramentos), pois, é uma das necessidades vitais do ser humano (AMORIM FILHO, 1999), como as necessidades humanas de se localizar, de caçar e coletar, de se alimentar, de descansar, de manifestar, de conhecer, de dançar, de falar etc.

Quando esses primeiros povos primitivos marcavam as paredes e suportes em geral (trata-se sobretudo as paredes de cavernas, pois, essas resistiram ao tempo, mas não eram as únicas) com o emprego de uma multiplicidade de materiais e com diversas formas, tinha-se a primeira forma de mapa, externalização do ser e compartilhamento de cultura (além da sucessão oral), ou seja, várias formas de referenciais e primeiros exemplos de “Geografia Aplicada” (AMORIM FILHO, 1999; BATES, 2014).

As denominadas civilizações anteriores à Grécia (como os mesopotâmicos, por exemplo), utilizavam da Geografia transmitida por formas orais e escritas, sendo então uma das definições da própria cultura. Com os gregos há a criação do sistema “Paideia”, de “cultura superior”, ao qual os diferentes (os outros) não possuíam tamanhos benefícios e eram tidos como os bárbaros. As culturas posteriores à Grécia (como exemplo, os romanos), apropriaram-se de tais formas, iniciam a urbanização (expansão de aportes culturais para outros locais que

... não o possuíam) e também a ideia de barbárie estabelece significativamente (o modo errante do estilo de vida – a cultura dos outros) (JAEGER, 2003).

Na Idade Média, o mundo teria matrizes orientadas por religiões e filosofias. No mundo denominado de cristão, o fato da difusão da crença (conversão ao cristianismo) e a grande mobilidade dos exploradores, comerciantes e navegadores, traziam o conhecimento, a negação e a coerção de culturas de todas as partes. No mundo chinês, o culto aos antepassados e à natureza, as correntes filosóficas do Confucionismo, do Taoísmo e do Budismo, além dos viajantes, também contribuíram para entendimentos acerca do mundo. Já no mundo árabe-muçulmano, a contribuição partia de uma divisão da Geografia no eixo espacial (regional) e geral (sistemática), ao qual à primeira privilegiava culturas regionais e a segunda culturas da ciência presente na sociedade (BRAUDEL, 1975).

Da evolução à institucionalização da Geografia

Porém, somente no século XIX, na Idade Contemporânea, a ciência geográfica teve seu desenvolvimento e institucionalização pautada na Europa, em especial na Alemanha e na França, e no século XX nos Estados Unidos da América (EUA), sobre um contexto baseado nos ideais positivistas, na revolução evolucionista e na utilização do método empírico-dedutivo nas ciências da natureza; denominada de Geografia Tradicional (CLAVAL, 2011).

A Geografia Tradicional aborda a cultura de forma um pouco mais determinista. Os alemães tratam de uma relação determinista do ambiente nos seres humanos. Já os franceses, por mais que tenham cunhado a ideia de possibilismo, tratam de uma relação determinista dos seres nos ambientes. Por sua vez, os anglo-saxônicos, com abordagens culturais, tratam de uma relação determinista da cultura nos seres e nos ambientes (lembrando que elas não são puramente deterministas) (CLAVAL, 2011).

Iniciado pela Alemanha, no início do século XIX, as ideias de Humboldt ganham destaque e com o passar dos anos congregam na formação da Geografia enquanto ciência, sendo considerado o “pai da Geografia Moderna”. Em seus estudos, abordava uma relação romântica da natureza, em que o contato entre ser humano e ambientes, com suas influências, traziam a paz necessária da alma. Para ele, a Geografia seria realizada a partir da observação ordenada do mundo, em que a paisagem ou Ciências da Natureza, dependem: “[...] da simultaneidade das ideias, dos sentimentos existentes no observador. Poderíamos dizer que o poder da natureza se revela pela conexão das percepções, na unidade das emoções e nos efeitos produzidos a certo modo de uma só vez” [...] (HUMBOLDT, 2005a, p. 22). Mesclado a isso, frisava na utilização

das perspectivas históricas, pois, passado, presente e futuro penetram-se mutuamente. Seguindo em outra linha, diferente de parte de estudos acerca de seus trabalhos, sua contribuição também foi ao encontro de temáticas associadas à economia, à política, ao transporte, aos costumes e características gerais das populações. Ele destaca, ainda, clara admiração de alguns povos, como indígenas, e, uma revolta em relação a não preservação das culturas antigas por parte dos colonizadores (SPRINGER, 2009). Ou seja, a cultura estava presente de forma maciça em manuscritos, bem como uma postura certamente que vai de encontro à perspectiva decolonial.

Contemporâneo ao autor anterior, Ritter também converge para ideias que vieram auxiliar na sistematização geográfica. Entre seus trabalhos, destacam a preocupação metodológica para uma Ciência Geográfica. Para ele, havia sistemas em que delimitariam e definiriam uma área, que era individual por si só. Tais arranjos deveriam ser estudados e comparados, pois dentro deles teriam um conjunto de elementos, ao qual se uniam e formavam uma totalidade, sendo o ser humano o principal elemento dentre os outros. Assim, valoriza a relação entre ser humano e natureza, focando o quadro físico e a ocupação humana, tendo como base a inter-relação entre fenômenos. Além disso, uma forte marca de seus estudos era a organização espacial nestes arranjos e nestas relações, buscando sobre características, culturas, instituições, povos e sistemas de utilização dos recursos (MORAES, 1987; SILVA *et al.*, 2014). Assim, novamente, tem-se aspectos culturais destacados nas pesquisas, pois a totalidade perpassa também pela manutenção e formas de vivências dos seres humanos.

Logo após, destaca-se Ratzel, sendo considerado o fundador da Geografia Humana acadêmica e um dos precursores das pesquisas entre os grupos humanos e o espaço habitado (de formas culturais) (SAUER, 2011). Em 1880, publicou a obra “A geografia cultural dos Estados Unidos da América do Norte”, evidenciando as questões econômicas daquele país sob o viés difusionista (PEDROSA, 2015). Claval (1999) afirma que foi justamente nesta publicação que houve o emprego do termo ‘Geografia Cultural’ pela primeira vez.

A geografia ratzeliana considerou a mobilidade um elemento central que permitiu às sociedades apreender o domínio das técnicas, adaptar o meio em que vivem e buscar as condições necessárias para a sobrevivência humana. Assim, concomitantemente às migrações, houve a difusão dos objetos, das técnicas e dos saberes ao longo do tempo e do espaço contribuindo para o surgimento da cultura enquanto coleção de possibilidades (CLAVAL, 1999). Nesse processo de apropriação do meio, Ratzel demonstrou a capacidade do ser humano em transformar materialmente o ambiente, deixando marcas e contribuindo para que “a cultura de um povo se cauterizasse na paisagem” (SEEMANN; PEDROSA, 2019, p. 143).

Ratzel propôs uma espécie de chave para a interpretação das sociedades e classificação dos artefatos culturais, indicativo de esforço para se aproximar dos métodos utilizados nas Ciências Naturais (MORAES, 1990). Diversos elementos foram exaustivamente catalogados, como as armas de guerra e de caça, as habitações, os utensílios e as técnicas que modificavam a paisagem, contribuindo para a consolidação de uma visão ratzeliana acerca da cultura com uma maior ênfase nos artefatos materiais (BARROS, 2007), produzindo praticamente uma Geografia de inventário e não transcendendo às imaterialidades.

Outros pesquisadores que dialogaram com os primórdios da Geografia Cultural na Alemanha também merecem destaques. Meitzen foca nas estruturas agrárias; Hahn contribuiu para inserir variáveis intangíveis como as crenças, as atitudes e as práticas ritualísticas da domesticação dos animais; Passarge auxiliou com uma análise comparada das paisagens e no ambiente; Schlüter defendeu que o tema central da Geografia deveria ser tanto a gênese (as forças da natureza) quanto a compreensão das paisagens humanizadas, atribuindo maior importância à morfologia e aos aspectos visíveis (CLAVAL, 1999).

De outro lado, no mundo francófono, há outros focos e a cultura é trabalhada conjuntamente aos temas da Geografia Regional (CORRÊA; ROSENDHAL, 2011). Para La Blache (que se ressalva), a análise dos artefatos culturais somente fazia sentido se fosse interpretada, concomitantemente, aos gêneros de vida. Isto é, um conjunto de técnicas e hábitos que os grupos tradicionais buscavam na natureza como forma de solucionar problemas e necessidades cotidianas, a exemplo da alimentação, das vestimentas, das habitações e das ferramentas. A Geografia lablachiana “nunca falou de cultura, mas a ideia de cultura tinha lugar central na concepção da disciplina”. (CLAVAL, 2011, p. 149).

Seus sucessores também dialogam pelos caminhos culturais. Brunhes acreditava que nas paisagens haviam evidências para relações do uso e ocupação do solo/terra, bem como uma aprofundada análise dos aspectos culturais relacionados ao seu contexto histórico e etnográfico que permitiam a sua compreensão; Demangeon concebeu maior ênfase à interpretação das sociedades industriais (gêneros de vida modernos/contemporâneos); Deffontaines demonstrou grande interesse pelas manifestações não-materiais da cultura, com interesses destacados no folclore, na etnografia rural e nas marcas que a religião promove nas paisagens (CLAVAL, 2011).

No âmbito estado-unidense, sobressai a tradição de Sauer, que foi considerado a grande referência da abordagem cultural na Geografia, sendo o primeiro que definiu seus estudos com rótulo de “Geografia Cultural”; tal fase pode ser denominada de Geografia Cultural Tradicional (TURRA NETO, 2013). “Fundador” da Escola de Berkeley (Califórnia) e com inúmeros

discípulos, fazia uma interpretação da paisagem, à qual era possuidora de uma identidade própria (CORRÊA, 2001), sendo alçada como uma forma de detectar traços culturais comuns, estabelecendo, deste modo, a conexão e a extensão dos fenômenos culturais. Para o autor, a paisagem era detentora de uma qualidade orgânica, sendo a cultura o principal agente responsável por seu conteúdo, possuindo nível de relevância superior aos fatores de ordem natural e antrópica (SAUER, 1998), o que lhe conferia uma visão de anterioridade da cultura.

No modelo morfológico instrumentalizado por Sauer, a paisagem natural forneceria as bases e os elementos materiais necessários para a constituição da paisagem cultural. A geologia, o clima, a geomorfologia, os solos, os recursos hídricos, os recursos minerais, a vegetação e o fator 'X' seriam os elementos constituintes da paisagem natural, enquanto a morfologia da paisagem cultural era concebida por meio dos estudos da população e de suas atividades produtivas, sociais e culturais (SAUER, 1998). Dentre os elementos mencionados por Sauer, merece destaque o 'fator X', que representa a subjetividade entre o ser humano e o espaço e que contribui para estabelecer o amálgama entre as paisagens (SILVA, 2020). Por isso, diferentemente das abordagens clássicas dos geógrafos europeus, os estudos de Sauer buscavam cindir com um certo determinismo ambiental e possibilista (CORRÊA, 2001; DINIZ *et al.*, 2003), embora firmava um certo determinismo cultural, e ainda demonstrava certo incômodo com o método positivista dominante à época.

Sauer também foi criticado, dentre outras questões, por evidenciar a cultura enquanto ente abstrato, ao considerar que existia na paisagem uma base natural da qual o meio humano estaria desvinculado, apartando a sociedade dos seus indivíduos, dando origem ao famoso postulado saueriano “a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado” (SAUER, 1998, p. 59). É neste contexto que surgem as principais críticas relacionadas à noção do superorgânico na Geografia Cultural americana que, de acordo com Duncan (2011) pregava a existência de uma cultura e de suas formas materiais ocupando uma dimensão superior e que os homens não teriam a capacidade plena de controlá-la, eliminando “de forma explícita a discussão a respeito do indivíduo” (DUNCAN, 2011, p. 26). Porém, essa teoria da dimensão do superorgânico já vinha sendo amplamente rejeitada pela maior parte dos antropólogos, uma vez que a cultura – enquanto categoria analítica – era pensada como uma entidade superior à civilização, orbitando em um contexto ontológico (DUNCAN, 2011).

Outras críticas em relação à perspectiva saueriana dizem respeito à reificação da cultura e da paisagem (DUNCAN, 2011). Por reificação, quando aplicado à cultura, faz-se referência a uma tentativa de delimitar o seu conceito e de descrever as suas ações de modo que a cultura

“...passa a fazer parte dos indivíduos de um grupo, sendo, portanto, internalizada pelos indivíduos” (CORRÊA, 2001, p. 278) resultando em homogeneização cultural.

Da institucionalização aos embates

Por volta da metade do século XX, influenciados pelo pós-guerra, pela grande expansão capitalista, industrial e urbana, e pelos ideais de pragmatismo associado à necessidade de reorganizar os espaços diante do dinamismo socioeconômico, a Geografia Regional de Hartshorne, a Nova Geografia com a Geografia Teorética-Quantitativa e a Geografia Nova com Geografia Radical, ganham evidências. Em tal época, houve o ocultamento das culturas tradicionais e regionais, focando em localização, em atributos urbanos e em matemáticas no geral. Note-se o maior peso da contradição.

A Geografia Regional de Hartshorne, surgindo em meados dos anos de 1920, tem sua caracterização a partir dos aspectos unitários da natureza que congregam em um todo, e, também, da diferenciação de tal unidade que a particulariza das outras áreas da superfície terrestre. Busca-se a especificidade do ponto de vista corológico. Para o autor, todos os fatos que ocorrem em tal superfície são fatos geográficos, devendo ser abordados com sua significância geográfica, ou seja, a partir da diferenciação (HARTSHORNE, 1939). Com base na Geografia Sistemática, a função da Regional seria a interpretação completa das áreas individuais e sua diferenciação perante as outras áreas (COSCIONI, 2015).

Entretanto, apesar da ênfase no aspecto total da área para sua posterior diferenciação, não eram utilizados *a priori*. O ser humano, e muitas de suas ações, eram desconsiderados (evita alguns aspectos propriamente regionais, como a cultura). Para ele, o ser humano não deveria ser abarcado em estudos considerado como uma “coisa” material, advindo do pressuposto no qual aborda o universo como algo materialista e mecânico, em que, segundo o autor, baseavam-se os autores como Ratzel e seus contemporâneos, já citados neste texto (HARTSHORNE, 1939).

Em contraponto a esta visão e com contribuições além dos anglo-saxônicos (principalmente dos escandinavos), surge a Nova Geografia, Geografia Pragmática, Geografia Teorética, Geografia Quantitativa ou Geografia Teorética-Quantitativa, a partir de 1950. Seus fundamentos ancoram-se na matematização. Com o uso das técnicas estatísticas, geométricas e matemáticas, e, o aparato cada vez mais teórico, buscaram um maior distanciamento do pesquisador e do objeto de estudo e “maiores” critérios nas definições de objetos e metodologias (TEIXEIRA, 2013). Com a ascensão dos métodos positivos, há o descuido (intencional) com

os aspectos subjetivos humanos, o que levou ao quase “esquecimento” das categorias analíticas geográficas de lugar e paisagem, resultando em uma certa depreciação da abordagem cultural na Geografia. Embora evite as culturas, a Nova Geografia utiliza da cultura da matematização e do pesquisador para definir os caminhos a serem seguidos.

Também em contraponto, na década de 1970, a vez novel de embates é com a Geografia Nova, Geografia Crítica, Geografia Radical, Geografia Crítica-Radical, Geografia Revolucionária, Geografia Dialética ou Geografia Marxista. Estabeleceu-se em um cenário em que, segundo essa linha, as outras epistemologias não respondiam de modos satisfatórios aos anseios, problemas e crises da sociedade, além de serem pacíficas em relação às desigualdades sociais, econômicas e ambientais, bem como de compactuarem com elas, principalmente auxiliando todo o tipo de governo (TEIXEIRA, 2013). Assim, atentou-se para questões sociais de forma velada. Apesar de ter uma maior aproximação com questões humanitárias, humanistas e de denúncias, renunciaram às questões culturais, influenciados pela menor contribuição cultural de Marx (o que veio a ser refeito por seus seguidores, mas pouco aderido por esta epistemologia). O impacto disso é que o foco utilizado é a abordagem da “superestrutura” (no caso o capitalismo e suas mazelas), à qual, pode ser considerada uma espécie de cultura dominante e homogênea: uma “supercultura”.

Por fim, e não menos importante, tem-se os desdobramentos a partir de 1980 da Geografia Humanista. Esta é o movimento mais profundo para a humanização⁶ da Geografia, tendo as dimensões individuais subjetivas (CLAVAL, 2011). Há que se destacar o fato de haver diversos humanismos, pautados por numerosas correntes filosóficas (MARANDOLA JR., 2005). A Fenomenologia, uma destas correntes, que é associada veemente ao existencialismo e a hermenêutica, é um dos modos mais utilizados por tal Geografia (SUESS, 2018). Algumas de suas abordagens confrontam com aspectos culturais, por focar em formas individuais (escala), e, têm contextos de formação e bases filosóficas diferentes em tal linha.

Iniciado em 1960, mas marcando de forma contundente a partir de 1980, sobretudo as Ciências Humanas e Sociais (ocorrendo principalmente no meio acadêmico e advindo de uma das vertentes derivadas da pós-modernidade), o fenômeno intelectual da Virada Cultural (*Cultural Turn*) traz luz aos conceitos e métodos da Etnografia e da Etnologia; as realidades ideais são componentes das sociedades e não superestruturas; e o relativismo cultural, com particularismos implícitos. Além disso, ela não ocorre sozinha, ocorre concomitante com e

⁶ Não somente ela, pois a Geografia Cultural, principalmente a denominada de Nova Geografia Cultural, também é uma demonstração da profunda humanização/humanismo (MARANDOLA JR., 2005).



conectada à Virada Linguística (*Linguistic Turn*), ao construtivismo, à Filosofia Analítica, à Fenomenologia e ao pós-colonialismo (LÉVY, 2015). A Virada Cultural “[...] diz respeito a um conjunto de coisas muito diversas e provavelmente contraditórias entre si, porém ela tende a acentuar outros objetos e outras abordagens não muito privilegiados pelas ciências sociais até então.” Assim, essa Virada, com flexibilidade teórica e metodológica (TURRA NETO, 2013), traz um olhar maior para a especificidade da vida humana em sociedade e humaniza as Ciências Sociais (LÉVY, 2015, p. 21) e também a Geografia. Sendo características da Geografia Humanista e da Geografia Cultural.

Além disso, também a partir de 1980, há a terceira fase do campo, ramo ou subdisciplina da Geografia Cultural (CLAVAL, 2011). Nesta busca-se a interpretação e compreensão de sentimentos e relações de cultura (CORRÊA, 2017), com a dimensão subjetiva, experiencial (ROSENDAHL, 2002), com intuição, simbolismos, contingência, no singular e não no universal (CORRÊA, 2014). Didaticamente, é possível periodizar a sistematização da Geografia Cultural em três fases. A primeira se estabeleceu entre os anos de 1890 a 1940 e foi marcada pelas discussões sobre a dimensão material da cultura e a transformação do meio e das sociedades, com destaque para a análise das técnicas, os instrumentos de trabalho, a paisagem cultural e os gêneros de vida. A segunda fase aconteceu entre os anos de 1940 a 1970, momento que coincide com rupturas na episteme geográfica e a ascensão dos métodos positivistas, resultando em certa depreciação da abordagem cultural na Geografia. Por fim, a terceira fase emergiu nos anos 1970, sendo caracterizada pela ampliação do debate cultural entre a Geografia e as demais disciplinas humanísticas, pela experimentação de novos métodos científicos e a diversificação dos temas de pesquisa que permitem transcender a materialidade da cultura e compreender fenômenos espaciais de natureza intangível (CLAVAL, 1999; MARANDOLA JR., 2005; CORRÊA, 2009).

A partir das últimas décadas, influenciados de um lado pelas contribuições anteriores e de outro ainda pela falta de temáticas, surgem as Geografias com vieses mais contestatórios (representando o caminho de um novo paradigma ou a releitura dos antigos?), como a Geografia do Gênero (principalmente a Feminista e do grupo LGBTQIA+), Geografia da Raça (sobretudo a Negra e Indígena), Geografia Decolonial (em diversos âmbitos) (ANJOS, 2017; LIMA-PAYAYÁ, 2023). Elas utilizam contribuições diversas, focando nos quesitos sociais e interdisciplinaridade, para denunciar e fazer valer a pressão popular. A parte cultural encontra-se imbricada nisso, pois a cultura da violência, do machismo, do patriarcado, do racismo, da xenofobia, do sistema capitalista e outros, continua hegemônica e ferindo os grupos e culturas vulnerabilizados e marginalizados.

No que se refere ao contexto brasileiro, ocorrem processos semelhantes, mas com algumas décadas de diferença. A Geografia Tradicional tem sua influência no final da década de 1830, a Regional no final da década de 1930, a Teorética-Quantitativa no final da década de 1960, a Crítica no final da década de 1970, a Humanista a partir da década de 1980, a Cultural ao longo da década de 1990 e as Geografias Decoloniais nas últimas duas décadas (CORRÊA, 2009).

Norteando para a escrita final deste trabalho, mas na espera (esperança) de sua constituição/continuação, nota-se que a cultura foi tratada com diversas formas e intensidades ao longo da história do pensamento geográfico. Apesar disso, do ponto de vista de ser renegada ou ignorada, ela esteve presente de alguma forma nas atribuições ali empreendidas. Dentre as tradições aqui trazidas, lições de acertos e equívocos são necessários para o bem-comum da Geografia e da sociedade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, destaca-se que a humanidade e todas as suas características possuem articulações entre a cultura e aspectos espaços-temporais. A cultura e a Geografia tiveram importantes contribuições à própria história humana, trazendo sua vitalidade em cada uma de suas ações. Portanto, os materiais utilizados, as ideias, as concepções e as ideologias, atrelados aos contextos, influenciam a construção da cultura e suas nuances. Não somente a Geografia Cultural, mas bem como a Cultura na Geografia, privilegiam tais fatores.

Deste modo, as abordagens culturais estão marcadas na conexão entre identidade, significado, espaço, território, lugar, paisagem e região (sendo as cinco categorias espaciais mais importantes de análise da Geografia). Refletir sobre o contexto das diferentes culturas plurais e específicas era/é/será primordial (COSGROVE; JACKSON, 2000).

Deve-se considerar sobre a utilização dos aspectos culturais e das ações da utilização, a fim de não perpetuar injustiças e preconceitos epistêmicos e nem ações errôneas (GROSGOUEL, 2016). Portanto, com suas diversas características, propósitos, aspectos, há vários caminhos a serem seguidos, porém, todos precisam ser reflexivos (CORRÊA, 2009). Desse modo, não há *a priori* caminhos únicos, melhores que os outros, mas sim caminhos, oportunidades e necessidades a serem seguidos (LÉVY, 2015). Concomitante, não há escala geográfica, espacialidade, culturas, termos e nem tempos que sejam únicos e melhores que outros. A mescla destes, torna-se essencial na busca e na luta da justiça(s) ambiental, social, socioambiental, espacial, cultural e acadêmica.



REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia.

Sociedade & Natureza, Uberlândia, v. 11, n.21-22, 1999. Disponível em:

http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/28472/pdf_110. Acesso em: 5 jul. 2023.

ANJOS, R. S. A. dos. Relatório de Pesquisa: retrato da África “uma abordagem cartográfica”. **Periódico Eletrônico Geobaobas**, v. 1, n. 1, 2017.

BARROS, N. C. C. Especiação na Antropogeografia de Frederico Ratzel. **Revista de Geografia**. Recife, UFPE, DCG/NAPA, v. 24, n. 1, 2007.

BATES, L. **Bombing, Tagging, Writing: An Analysis of the Significance of Graffiti and Street Art**. 2014. (Masters Thesis in Historic Preservation). University of Pennsylvania, Philadelphia, PA, 2014.

BRAUDEL, F. **Las Civilizaciones Actuales**. Madrid: Tecnos, 1975.

CLAVAL, P. C. C. **Geografia Cultural**. Florianópolis, EDUSC, 1999.

CLAVAL, P. C. C. Geografia Cultural: um balanço. **Revista Geografia (Londrina)**, v. 20, n. 3, 2011. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160/11911>. Acesso em: 15 jul. 2023.

CORRÊA, R. L. Carl Sauer e a geografia cultural. *In*: CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CORRÊA, R. L. Sobre a Geografia Cultural. **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, [s.v.], 2009. Disponível em:

<http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corrêa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2023.

CORRÊA, R. L. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2014. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2431>. Acesso em: 23 ago. 2023.

CORRÊA, J. da S. Geografia Cultural: uma breve história. **WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: o lugar e as disputas da cultura no espaço**, 3., 2017, Alfenas, MG. **Anais [...]**

Alfenas: UNIFAL-MG, 2017. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/geografia/sites/default/files/historia%2036-51.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2023.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. *In*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.



COSGONI, F. J. Reflexões sobre as posições epistemológicas de Richard Hartshorne em The Nature Of Geography. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 19, n. 1, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/83557/98486>. Acesso em: 27 out. 2023.

COSGROVE, E. D. Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSGROVE, E. D; JACKSON, P. Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2000.

DAMATTA, R. da. Você tem cultura? **Jornal da Embratel**, Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/877886/mod_resource/content/1/2_MATTA_Você%20tem%20cultura.pdf. Acesso em: 6 set. 2023.

DINIZ, A. M. A.; FERRAZ, C. M. L.; GIOVANINI, R.; JÚNIOR, T. T. N. A paisagem geográfica de Lavras Novas, ouro Preto: uma apologia à “Morfologia da Paisagem” de Carl O. Sauer. **Cadernos de Geografia**, v. 13, n. 20, 2003.

DUNCAN, J. O superorgânico na geografia cultural americana. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R.L. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

FERREIRA, D. C; RATTS, A. Geografia da diferença: diferenciações socioespaciais e raciais. **Revista GeoAmazônia**, v. 4, n. 7, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/geoamazonia/article/view/12479>. Acesso em: 12 set. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e estado**, v. 31, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078/5454>. Acesso em: 12 set. 2023.

HALL, S. **Representations**. Cultural Representations and Signifying Practices. London: Routledge Publications, 1997.

HARTSHORNE, R. The Nature of Geography. **Annals of Association of American Geographers**, Lancaster, Pennsylvania, v. 29, n. 3-4, 1939.

HARVEY, D. **Os sentidos do mundo: textos essenciais**. São Paulo: Boitempo, 2020

HUMBOLDT, A. V. **Cosmos: Ensayo de una descripción física del mundo**. Tomos I. Madrid (1851 – 1852). Córdoba, 2005a.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



LEFEBVRE, H. **La presencia y la ausencia**: contribución a la teoría de las representaciones. México: Fundo de Cultura Econômica, 2006.

LÉVY, J. Qual o sentido da Geografia Cultural? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 61, ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/4ZLJNczfFydC4tg9zH6dgvh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 ago. 2023.

LIMA-PAYAYÁ, J. da S. Yby: Sentido radical de casa. **Kalagatos**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2023.

MARANDOLA JUNIOR, W. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 39, set./dez. 2005

MBEMBE, A. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1987.

MORAES, A. C. R. (org.). **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.

PEDROSA, B. V. Sauer, Boas, Kroeber e a cultura superorgânica: notas sobre a relação entre geografia e antropologia. **Confins [Online] - Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, 23, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/9958>. Acesso em: 22 set. 2023.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ROSENDAHL, Z. (Org.). **Espaço e Religião**: Uma Abordagem Geográfica. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.

SAUER, C. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1998.

SAUER, C. Geografia cultural. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SEEMAN, J; PEDROSA, B. V. Friedrich Ratzel e a alma do povo da América do Norte. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, n. 46, 2019.

SILVA, J. A. B; RODRIGUES, A. J; BARROSO, R. C. A; VIEIRA, J. D. O surgimento da ciência geográfica: Alexander Von Humboldt e Karl Ritter. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT**, Sergipe, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1725>. Acesso em: 29 out. 2023.

SILVA, L. L. S. A encruzilhada da abordagem cultural na Geografia. **Caderno de Geografia**, v. 30, n. 63, 2020.

SPRINGER, K. Considerações acerca da Geografia de Alexander von Humboldt: Teoria, Filosofia e Concepção de Natureza. **R. RA'E GA**, Curitiba, n. 18, 2009.

SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de campo em Geografia. **GEOgraphia**, v. 4, n.



<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13423>. Acesso em: 26 out. 2023.

SUESS, R. C. Geografia Humanista e a Geografia Cultural: encontros e desencontros! a insurgência de um novo horizonte?. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, v., n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/6999>. Acesso em: 28 out. 2023.

TEIXEIRA, J. C. A nova geografia. **Formação (Online)**, v. 1, n. 3, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2435>. Acesso em: 27 out. 2023.

TURRA NETO, N. Geografia Cultural, juventudes e ensino de geografia: articulações possíveis. **Revista Formação**, v. 1, n. 20, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/viewFile/2651/2323>. Acesso em: 8 jul. 2021.

WILLIAMS, R. **Cultura**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.